



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ-UFOPA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM  
HISTÓRIA**

**AMANDA LIMA DOS SANTOS**

**DE LISBOA À BASILÉIA: A VIAGEM MEDIEVAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DA  
JORNADA DO CONDE DE OURÉM AO CONCÍLIO DE BASILÉIA (1436-1437)**

**SANTARÉM-PA  
2020**

**AMANDA LIMA DOS SANTOS**

**DE LISBOA À BASILÉIA: A VIAGEM MEDIEVAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DA  
JORNADA DO CONDE DE OURÉM AO CONCÍLIO DE BASILÉIA (1436-1437)**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção de aprovação em TCC sob a orientação do professor Douglas Mota Xavier de Lima

**SANTARÉM-PA  
2020**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA  
- Biblioteca Unidade Rondon

Santos, Amanda Lima Dos.

De Lisboa à Basileia: a viagem medieval através do diário da  
jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia (1436-1437) /  
Amanda Lima Dos Santos. - Santarém, 2020.  
36f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade  
Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação,  
Licenciatura em História.

Orientador: Douglas Mota Xavier de Lima.

1. Viagens. 2. Idade Média. 3. Diplomacia. I. Lima, Douglas  
Mota Xavier de. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas

CDD 23 ed. 940.1

**AMANDA LIMA DOS SANTOS**

**DE LISBOA À BASILÉIA: A VIAGEM MEDIEVAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DA  
JORNADA DO CONDE DE OURÉM AO CONCÍLIO DE BASILÉIA (1436-1437)**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade artigo, apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção de aprovação em TCC sob a orientação do professor Douglas Mota Xavier de Lima

Data de aprovação: 30/09/2020.

---

Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima – Orientador  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Prof. Dr. Luciano César da Costa – Avaliador  
Prefeitura Municipal de Educação – Araruama-RJ

---

Profa. Dra. Anna Carla Monteiro de Castro – Avaliador  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/CEDERJ

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o *Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia* e, a partir dele, compreender a dinâmica das viagens medievais, particularmente das viagens diplomáticas. Procura-se identificar aspectos dessa viagem, como o ritmo, os meios de transporte, a recepção, os locais de hospedagem, assim como as práticas de negociação diplomáticas presentes na narrativa. Além disso, apresenta-se um panorama sobre os tipos de viagem e de viajantes medievais, situando a categoria na qual a narrativa em questão está inserida dentro do gênero dos livros de viagem. Para o estudo, utilizou-se a narrativa *Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia*, relato anônimo de embaixada quatrocentista que descreve a trajetória da comitiva portuguesa entre 1436 e 1437, de Lisboa, ponto de partida, à Basileia, destino da missão, acrescentando outros destinos, como as cidades ibéricas, italianas e a cidade de Colônia, último ponto da narrativa.

**Palavras-chave:** Viagens. Idade Média. Diplomacia.

## SUMÁRIO

<b>DE LISBOA À BASILÉIA: A VIAGEM MEDIEVAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DA JORNADA DO CONDE DE OURÉM AO CONCÍLIO DE BASILÉIA (1436-1437).....</b>	<b>1</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>1</b>
<b>Os viajantes medievais .....</b>	<b>4</b>
A viagem medieval .....	6
As narrativas de viagens.....	7
D. Afonso, Conde de Ourém.....	11
O Diário da Jornada do Conde de Ourém .....	12
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>22</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>22</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>22</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>24</b>

*A minha família, aos meus pais e meu irmão,  
que sempre me apoiaram, pois, é graças aos  
seus esforços que hoje posso concluir o meu  
curso.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos projetos PIBIC-UFOPA e FAPESPA pelo financiamento de pesquisas de iniciação científica entre os anos de 2017 a 2019, projetos que contribuíram para a elaboração do presente trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História.

Durante a graduação algumas pessoas contribuíram de alguma forma, seja direta ou indiretamente no desenvolvimento desse trabalho, portanto, aqui gostaria de lhes expressar o meu reconhecimento.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima por ter me apresentado o tema de pesquisa, “Viagens e diplomacia no Portugal quatrocentista” (2017-2018), que posteriormente assumiu o título de “Viagens e diplomacia no Portugal quatrocentista: o Diário da Jornada do Conde de Ourém” (2018-2019), que resultou no presente trabalho. Pelos auxílios prestados, na leitura e releitura dos esboços que lhe enviei durante os anos de pesquisa, de estudo, pelos incentivos na produção e apresentação de trabalhos em eventos, seja no papel de professor do curso, ou como orientador.

A todos os meus amigos de graduação, amizades que quero levar para a vida, à Êmily Sthephane Rodrigues e Adrio Santos, pessoas maravilhosas que estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins, que manifestaram seu apoio e incentivo por vezes, através de pequenos gestos ou com palavras de encorajamento. Aos meus queridos colegas, Eduardo Campos, Camila Gomes e Mônia Fabrine, pelos incentivos e momentos de descontração.

E finalmente, aos meus tão queridos e amados pais, Maria do Rosário de Lima Castro e Haroldo Bernardo dos Santos, pelas palavras de força e conforto nos momentos difíceis, que me motivaram a não desistir dos meus sonhos e por seus esforços para me proporcionar um ensino de qualidade durante todo o período escolar. E ao meu irmão Magnum de Lima Castro, pelo companheirismo ao longos desses anos, pois sempre estive ao meu lado em todos os momentos. E por terem se mostrado compreensivos nos momentos em que estive ausente me dedicando na realização desse trabalho.

## DE LISBOA À BASILÉIA: A VIAGEM MEDIEVAL ATRAVÉS DO DIÁRIO DA JORNADA DO CONDE DE OURÉM AO CONCÍLIO DE BASILÉIA (1436-1437)

Amanda Lima dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o *Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia* e, a partir dele, compreender a dinâmica das viagens medievais, particularmente das viagens diplomáticas. Procura-se identificar aspectos dessa viagem, como o ritmo, os meios de transporte, a recepção, os locais de hospedagem, assim como as práticas de negociação diplomáticas presentes na narrativa. Além disso, apresenta-se um panorama sobre os tipos de viagem e de viajantes medievais, situando a categoria na qual a narrativa em questão está inserida dentro do gênero dos livros de viagem. Para o estudo, utilizou-se a narrativa *Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia*, relato anônimo de embaixada quatrocentista que descreve a trajetória da comitiva portuguesa entre 1436 e 1437, de Lisboa, ponto de partida, à Basileia, destino da missão, acrescentando outros destinos, como as cidades ibéricas, italianas e a cidade de Colônia, último ponto da narrativa.

**Palavras-chave:** Viagens. Idade Média. Diplomacia.

\*

Tradicionalmente, o período histórico conhecido como Idade Média foi considerado como uma época de predomínio da ruralidade e de debilidade da vida urbana e das trocas comerciais, características que teriam levado à ausência de mobilidade e circulação de pessoas, produtos e ideias. Tal perspectiva vem sendo superada pelas pesquisas que têm demonstrado que o medievo conheceu inúmeras experiências de viagens e de viajantes, em especial, a partir do século XIII. Deste modo, ao contrário da imagem cristalizada acerca do período, pode-se afirmar que a Idade Média, mesmo considerando especificamente a Europa medieval, foi uma época marcada pelas viagens, pela circulação de pessoas e pelas trocas culturais (CORTÁZAR, 1996; LOPES, 2004).

Atualmente sabemos que o homem medieval viajou muito mais do que se supunha há algumas décadas. O avanço dos estudos tem dado a conhecer os caminhos percorridos dentro e fora da Cristandade e tem destacado a troca de experiências, técnicas, conhecimentos e ideias que, no

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará.

seu conjunto, contribuíram para a progressiva afirmação do Ocidente na passagem do medievo para a modernidade. As viagens foram muito importantes, por exemplo, para a afirmação do cristianismo e, a partir dos séculos XIV e XV, para a levar a religião ao Novo Mundo. Deste modo, tanto a constituição da Cristandade latina como o estabelecimento do mundo moderno, relacionam-se com várias e sucessivas campanhas de evangelização e missão, isto é, modalidades de viagem (LOPES, 2006).

Conforme Douglas Lima, a Europa medieval, especialmente após os séculos XII e XIII, foi marcada:

[...] pela recuperação das estradas e pontes, fatores que favoreceram a circulação e o comércio terrestre; pela ampliação da produção de excedentes agrícolas, pela cunhagem de moedas e pelo revigoramento urbano e comercial, elementos que resultaram no crescimento da circulação de produtos; pela manutenção de rotas de peregrinação regionais e continentais, com destaque para os caminhos que levavam a Santiago, Roma e Jerusalém. Viajava-se por diversos motivos: paz, guerra, fome, epidemias, estudos, peregrinação, trabalho, exílio, comércio... Entre os viajantes encontram-se reis, nobres, cavaleiros, clérigos, mensageiros, monges, artistas, estudantes, mercadores, pastores, camponeses e ladrões. Por mar, por terra ou por mar e terra, diversos homens ajudaram a reduzir as distâncias da Terra durante o medievo (LIMA, 2018, p. 29).

Ao observar a prática da viagem medieval constata-se que ela envolvia interesses vários, como o levar de mensagens, o conhecimento de novos lugares, a realização de estudos, a negociação de tratados e casamentos, o transporte de mercadorias, a participação em torneios ou o deslocamento à procura de trabalho. No entanto, compreende-se que a viagem transcendia a dimensão de um deslocamento simplesmente motivado por preocupações e necessidades profanas, abarcando igualmente elementos de ordem espiritual e religiosa, fazendo com que o caminhante encarasse os itinerários como uma peregrinação. Sendo assim, o homem medieval é frequentemente caracterizado como *Homo Viator* (CORTÁZAR, 1996). Paralelamente, o deslocamento colocava o viajante numa situação de desenraizamento e, conseqüentemente, de perigo, tanto material como espiritual.

Durante a Idade Média, muitos foram os que deixaram testemunho escrito de seus deslocamentos, dando origem a um vasto conjunto de livros de viagens: guias de mercadores, guias e relatos de peregrinação, relatos de missionários e embaixadores, narrativas de viagens imaginárias, entre outros (LOPES, 2006; VIDOTTE, 2011). Os livros de viagens medievais formam um gênero multifacetado e são obras de caráter diverso que têm na sua base, propósitos

igualmente diferenciados. No entanto, apesar das múltiplas variantes, a articulação do discurso documental com o literário atribui-lhes um perfil singular. Assim, os livros de viagens oferecem uma visão da concepção do mundo e da realidade na Idade Média, ao mesmo tempo em que constituem uma fonte para compreender aspectos muito diversos da cultura medieval (LIMA, 2018).

Inserida nesse conjunto documental, a fonte da presente pesquisa é o *Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia*, também conhecida apenas *Como o conde Dourem foi ao Concílio de Basileia, e o que passou no caminho, e assy ao papa*, relato de viagem anônimo quatrocentista que descreve a trajetória da embaixada portuguesa ao concílio de Basileia (1431-1445). Para o estudo foi utilizada a transcrição do diário, publicada por Lita Scarlatti em *Os homens de Alfarrobeira* (1980)<sup>2</sup>. A pesquisa teve como base os projetos de iniciação científica “Viagens e diplomacia no Portugal quatrocentista” (2017-2018) e “Viagens e diplomacia no Portugal quatrocentista: o Diário da Jornada do Conde de Ourém” (2018-2019), inseridos no projeto “A diplomacia portuguesa: instrumento de afirmação do poder régio (1385-1494)” (2014-2019), coordenado pelo Professor Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

A investigação pautou-se, primeiramente, na leitura de caráter exploratório do texto, visando ambientar o contato com o português arcaico presente na fonte, procurando fazer identificações de pessoas e lugares, assim como estabelecer as etapas da viagem. Em seguida, feita a aproximação, foram desenvolvidos quadros temáticos com o objetivo de identificar os dados presentes no relato, que foram divididos por etapas (de cidade a cidade), destacando, dessa forma, elementos como: o ritmo da viagem; os meios de transporte utilizados; as recepções ao longo do percurso; os pontos de paragem; as hospedagens; as descrições realizadas das localidades, sobre os costumes e as construções, principalmente a arquitetura das igrejas; dentre outros elementos que compõem a narrativa. Paralelamente, foi realizada a análise bibliográfica acerca da temática,

---

<sup>2</sup> O Diário foi publicado pela primeira vez por António Caetano de Sousa, nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, ainda no século XVIII. O documento também foi publicado por Aida Fernanda Dias, em 2003, porém não tivemos acesso a essa edição. Desde a publicação de Dias, foram encontradas novas cópias do Diário, por exemplo, na Biblioteca da Ajuda, na Real Academia de la Historia de Madrid e na Biblioteca Nacional de Lisboa. De acordo com Martha Schaffer (2015), as descobertas têm agregado novas discussões à fonte, sobretudo relacionadas às intenções que teriam motivado o registro da viagem, abrindo novas hipóteses sobre o documento. No mesmo estudo, Schaffer transcreveu o Diário com base no texto da Biblioteca da Ajuda. Como o acesso ao artigo de Schaffer ocorreu apenas recentemente, em fase avançada da pesquisa, preferiu-se manter o estudo a partir da transcrição de Scarlatti, que segue a versão de António Caetano da Costa.

abarcando textos sobre viagens medievais, literatura e relatos de viagem, e sobre o deslocamento do conde de Ourém.

O presente artigo analisa a viagem de D. Afonso, 4º conde de Ourém, desde a sua saída de Lisboa, em 1436, à chegada em Basiléia no mesmo ano, seguindo o percurso até Colônia, em 1437, quando termina a narrativa. A viagem teve início da Península Ibérica, passando por Portugal, Castela e Aragão e, partindo do porto de Barcelona, o conde e sua comitiva percorreram a Península Itálica encontraram-se com o papa, participaram do Concílio de Basiléia e visitaram o território do império alemão. A proposta do estudo é apresentar o modo como se estabeleceu a viagem, com a atenção voltada especialmente para as recepções, além de outros aspectos materiais da viagem.

### **Os viajantes medievais**

No medievo, a viagem dependia muito do interesse de cada viajante ou dos responsáveis pela viagem. Os deslocamentos do período podem ser divididos em três categorias: as viagens para visitar familiares, as relacionadas ao comércio, à guerra, à diplomacia e ao estudo; viagens relacionadas a questões do modo de vida, como jornadas de pregadores itinerantes e cavaleiros andantes; por fim, a viagem como uma forma de iniciação na vida social ou espiritual, como a peregrinação.

Ao analisar os viajantes medievais, José Ángel Garcia de Cortazar (1996) propôs uma divisão destes em três categorias: os de ida e volta, os somente de ida e os de todas e nenhuma parte. Considerando a categoria viajantes de ida e volta, observa-se que é composta, sobretudo, por reis, grandes mercadores, membros da hierarquia eclesiástica, da nobreza e embaixadores. Sendo que esses últimos aparecem com maior frequência na documentação, principalmente a partir do século XIII. Tais viajantes saíam de um lugar, chegavam a outro, cumpriam seus objetivos e regressavam ao ponto de partida da viagem, nem sempre pela mesma rota (LIMA, 2018).

Em relação às viagens nobres, nota-se algumas particularidades. Podiam ser realizadas por uma grande comitiva ou um grupo reduzido de viajantes, sendo o fator decisivo para a composição o tipo de missão, como no caso das missões secretas que exigiam descrição. No entanto, em geral, as viagens nobres assumiam um caráter mais cerimonial e ritualizado, mais festivo e marcado pela pompa, sendo essa uma maneira de impressionar, mostrar prestígio e destacar o estatuto social do emissor da missão, fatores que ganharam mais importância em finais

da Idade Média. Com o passar dos anos o número de componentes dessas comitivas reais agregou mais ofícios, podendo envolver cozinheiros, músicos, arautos etc., variando de acordo com o cenário político ou o ambiente que se encontrava o país, ou o território para onde se desejava viajar (LABARGE, 1992).

Fazendo parte desse grupo de viajantes estão os embaixadores com as viagens de cunho diplomático. Uma prática cara, cheia de dificuldades, que exigia preparo por parte do embaixador, onde nem sempre a negociação poderia ser realizada com sucesso. Nesse contexto, o enviado diplomático era designado para realizar viagens com propósitos diversos, como coroações, negociações de tratados de paz, para discutir casamentos, dentre outros. De acordo com o manual de práticas diplomáticas escrito por Bernard du Rosier, em 1436, havia duas categorias principais, os embaixadores de cerimônias e os embaixadores de negociação, que podiam ser enviados para uma única corte com apenas um propósito ou para realizar visitas a diversas cortes. E, ao retornar, era de fundamental importância que o encarregado da embaixada elaborasse um relatório a respeito da missão que lhe foi imposta (LABARGE, 1992; CORTÁZAR, 1996).

Margaret Labarge, ao tratar dos viajantes diplomáticos, afirma que:

Un espectáculo frecuente, que llena de colorido los caminos de la Europa medieval, es la comitiva de un embajador que se dirige a la curia papal o a la corte de un monarca con una misión de su soberano. Las dimensiones del grupo que lo acompaña dependen tanto de la importancia del embajador como de la misión que se ha confiado. (...) la distancia y la solemnidad del recibimiento dependen de la categoría social del embajador, de la importancia de quien envía y de la gravedad del asunto que se va a tratar, si bien cualquier misión adquiere mayor relieve al elegir a una persona de elevado rango para llevarla a término (LABARGE, 1992, p.175-177).

Nesse sentido, a viagem diplomática, costumeiramente era confiada a um membro da nobreza com habilidades que se encaixavam na missão, de condes a duques, ou até mesmo a membros da Igreja, em especial, a nomes de destacada posição na hierarquia eclesiástica.

É possível afirmar que existe um paralelismo entre a viagem diplomática e as viagens nobiliárquicas, pois, ambas envolviam atos de recepção e hospitalidade, jogos cavalheirescos, danças e festejos, a formação de comitivas, entre outros elementos (LIMA, 2018). É nessa categoria que está inserida a viagem do Conde de Ourém ao Concílio de Basiléia, uma viagem nobiliárquica e diplomática dirigida por um importante nobre do reino de Portugal, com o intuito de participar do Concílio Ecumênico de Basiléia, marcada por grandes festejos, honradas recepções, presentes e contatos importantes.

## **A viagem medieval**

Em uma sociedade de base rural como a sociedade medieval ocidental, as viagens significavam, de algum modo, uma ruptura com as práticas e valores da própria sociedade. Esse aspecto fez sobressair a preocupação com a segurança, envolvendo tanto a proteção de cunho religioso e espiritual, como as precauções em relação ao melhor momento para se fazer a viagem, os acompanhantes, os meios de transporte etc. (CORTÁZAR, 1996). Tais cuidados eram tomados tanto por um simples camponês ou peregrino, que geralmente viaja a pé e, por vezes, pernoitava nas florestas, como por mercadores, clérigos e nobres, que dispunham de mais recursos. Nesse sentido, é possível afirmar que a preparação da viagem costumava variar de acordo com as distâncias, as motivações e, especialmente, com a posição social do viajante (LABARGE, 1992; LIMA, 2018).

Nesse contexto, um elemento presente em diferentes tipos de deslocamentos é a preparação da viagem, que nem sempre tinha datas específicas para acontecer, ou seja, elas poderiam subitamente surgir de uma necessidade em momentos específicos e imprevisíveis. Por outro lado, as viagens de caráter não urgente geralmente costumavam acontecer em uma data marcada com um tempo maior de preparação e de preferência nos meses mais favoráveis, sendo as estações do ano mais propícias, o outono, a primavera e o verão. Desse modo, evitava-se o inverno, marcado pela neve e o frio que poderiam atrapalhar o andamento da viagem (CORTÁZAR, 1996).

Atrelado a essa questão está outro elemento. Ao se preparar para uma viagem, a ideia é que se buscasse meios e ferramentas que facilitassem o traslado, pois, o que se esperava é que fosse realizada com o máximo de conforto possível. Assim, os trajes facilitavam esse cuidado, devendo ser confortáveis, com a quantidade e qualidade variando de acordo com o tipo de viagem e de viajante. Para além do conforto, a vestimenta apresentava outra finalidade, podendo refletir o lugar social do viajante. Conforme, Susani Lemos França (2013), na Idade Média a forma de vestir traduzia não só a ordem social, mas também mantinha à vista as hierarquias e permitia identificar as funções sociais. A partir do século XI passou-se a prezar por um guarda-roupa mais funcional e adequado para as estradas. O traje podia ser substituído por uma vestimenta mais requintada ao se chegar a lugares que necessitavam do uso de roupas mais sofisticadas, como, por exemplo, tecidos caros bordados a ouro. Nesse sentido, tratando-se mais especificamente da nobreza, a roupa

modificava-se de acordo com a ocasião, como uma cerimônia de recepção ou banquete, ou seja, durante a viagem usava-se trajes mais simples e confortáveis, que facilitassem a locomoção, e a troca ocorria de acordo com os eventos que surgiam durante o percurso. Vale ressaltar que os trajes usados a pé divergiam um pouco dos usados nas viagens realizadas a cavalo, pois, buscava-se adequá-los à montaria com a utilização de um pouco mais de acessórios, até para a própria segurança e conforto do viajante (CORTÁZAR, 1996).

Outros elementos complementares para alguns viajantes era o dinheiro, documentos e o conhecimento prévio do caminho que seria percorrido. O primeiro possibilitava o pagamento de acomodações ao longo das viagens, a alimentação da comitiva e dos próprios animais usados no percurso, medicamentos em caso de doenças, a contratação de guias para auxiliar a passagem por lugares pouco conhecidos pelo viajante, o pagamento de pedágios, a definição de escoltas como forma de prevenção a possíveis assaltos, dentre outros elementos que viessem a surgir como necessários ao longo do percurso. Em relação aos documentos como meio de identificação, devido às distintas jurisdições medievais, possuir algo que possibilitasse a passagem por diferentes reinos e domínios era fundamental. Nesse sentido, ter algo em mãos que pudesse servir de identificação do sujeito não só apenas individualmente, mas como membro pertencente a algum lugar, era essencial, daí a importância das cartas de crença e dos salvo condutos (CORTÁZAR, 1996).

Por último, era indispensável a busca por conhecimentos sobre as etapas do percurso, ou seja, conhecer brevemente o caminho a ser tomado. Para isso os viajantes buscavam informações sobre a geografia, rotas que evitassem passar em territórios que estivessem em conflito, as línguas locais, os meios de transporte mais adequados, os costumes etc. Nesse processo de preparação para a partida, por vezes, os viajantes liam e ouviam as narrativas de viagens, o que nos mostra a importância dessas produções.

### **As narrativas de viagens**

Segundo Paulo Lopes (2006), os livros de viagens geralmente apresentam procedimentos narrativos que os tornam uma espécie de literatura autônoma. Nesse sentido, o autor ressalta algumas características dessas narrativas: a ordem cronológica; o respeito a um itinerário; a ordem espacial; a presença dos *mirabilia* (maravilhas); a ausência da separação entre geografia, história, lenda e mito; ausência de ações paralelas; e a narração linear e contínua.

O primeiro item diz respeito ao itinerário, pois, tais narrativas estão estruturadas em função de um percurso principal, que constitui a espinha dorsal do relato. Como observa Paulo Lopes (2004), o trajeto é a essência de um relato de viagem medieval, mesmo que na forma de um guia de peregrinação ou de uma relação de missionários. Apesar disso, o mais importante no livro de viagens medieval, aquilo que cria a sua verdadeira ordem narrativa, é o espaço, não o tempo. Intimamente associada ao itinerário, a ordem espacial materializa-se nos lugares que se percorrem e se descrevem.

Lopes (2006) demonstra que nos livros de viagens medievais as cidades acabam se transformando em núcleos narrativos, em torno dos quais se organiza o restante do relato. Dessa forma, quando não existem cidades na etapa do percurso nota-se uma aceleração do tempo, da narrativa e, conseqüentemente, do espaço percorrido. Ao contrário, quando surge uma cidade importante ao longo do itinerário, nota-se que o ritmo do tempo desacelera com o alargamento da narrativa, aparecendo uma descrição mais detalhada do espaço, destacando-se pontos sobre a cultura (aspectos do povo, rituais, vestimentas), a economia (produtos comercializados) e a arquitetura (igrejas, castelos, mosteiros) do lugar. Ademais, é em torno dessas descrições que, em geral, apresentam-se as maravilhas que surpreendem o viajante e povoam as narrativas de viagem.

Nesse contexto, entre os livros de viagem, destacam-se os relatos de viagem, que se caracterizam por serem relatos de caráter factual, com um itinerário claro, com a presença de uma cronologia marcante, onde o modo descritivo é imposto à narrativa, onde o equilíbrio entre o objetivo e o subjetivo tende a se estabelecer ao lado do primeiro. Em consonância com o seu caráter testemunhal, geralmente apresenta-se através do “eu”, ou seja, adota a primeira pessoa e pontualmente a terceira (ALBUQUERQUE GARCÍA, 2011).

Como argumenta Luís Albuquerque García:

Recapitulando, el campo del ‘relato de viajes’ restringe necesariamente sus límites abrazando los relatos estrictamente factuales. Cabe decir que, si bien todolibro de viajes se enmarca dentro del ámbito de la literatura de viajes, no toda literatura de viajes queda incluida dentro de los ‘relatos de viajes’. A la literaturade viajes se adscribirían obras en las que el viaje forma parte del tema o en las queactúa como motivo literario. Como ya he advertido en otras ocasiones, una epopeya, una comedia, una novela o un relato breve, por ejemplo, en cuyo esquema narrativo intervenga un viaje (en forma de peregrinación, de expedición, de travesía, etc.), tiende a clasificarse en la categoría general de libro o literatura de viajes. Pero, insisto, corremos el peligro de confundir el contenido de un marbete tan amplio con el de la literatura misma. (ALBUQUERQUE GARCÍA, 2011, p. 18).

No entanto, é importante destacar que na Idade Média os relatos classificados como “reais” estavam carregos de fantasia, assim como os ditos “fictícios” estavam repletos de informações factíveis, consequência das experiências vividas pelo autor, ou simplesmente recebidas de alguém, que nesse caso de fato viajou, por curiosidade ou por necessidade, e deixou escritos ou repassou oralmente as informações colhidas durante sua aventura. Vale ressaltar que mesmo as descrições reconhecidas por seus elementos maravilhosos, ou personagens considerados viajantes imaginários, Jean de Mandeville, não deixaram de exaltar sua ambição de veridicidade através de testemunhos diretos, fazendo uso da primeira pessoa ao narrarem suas experiências de viagem (FRANÇA, 2016). Apesar de algumas histórias serem repletas de elementos factuais, onde o componente cronológico e topográfico se refere a um tempo-espaço vivido de fato pelo viajante, não necessariamente exclui o seu caráter literário. Além disso, tratando-se do caráter testemunhal também característico do gênero, o testemunho que primeiramente é objetivo, pode em momentos tender para o subjetivo (ALBUQUERQUE GARCIA, 2011).

Como assinala Lima, em meio ao crescimento do número de livros de viagens em finais do medievo, observa-se a multiplicação de um tipo particular de narrativa, os relatos de embaixadas, textos de cunho descritivo que constituíam uma forma de conhecimento do espaço, recolha de informações sobre o estrangeiro e, no limite, de pedagogia do ofício de embaixador. Segundo o autor:

[...] nos séculos XIV e XV os viajantes assumiram um papel chave nas negociações diplomáticas entre os diferentes poderes da época, articulando politicamente cidades, imperadores, reis e papas. A complexidade alcançada pelas relações diplomáticas no período promoveu uma ampliação dos relatos de embaixadas, os quais constituíam uma forma de conhecimento espacial, de pedagogia do ofício de armas e de embaixador e, no limite, um detalhamento de práticas de negociação (LIMA, 2018, p. 30).

Lima (2018) ressalta a existência de um conjunto de relatos de viagens de portugueses que percorreram a Cristandade no período quatrocentista, registrando as atividades realizadas durante o deslocamento e, principalmente, a existência de narrativas de estrangeiros que estiveram em Portugal, tanto com funções diplomáticas diretas, por exemplo, Jan Van Eyck e Nicolau Lanckman de Valckenstein para negociar acordos matrimoniais, como atividades indiretas, porém importantes para a diplomacia, como a troca de informações e circulação de mensagens entre as

cortes, elemento perceptível nas narrativas de Jacques de Lalaing e do barão de Rosmital (Quadro 1).

**Quadro 1. Textos de viagens diplomáticas (Portugal, século XV)**

Textos	Datação	Tipologia	Tema central
Livro dos Arautos	1410	Armorial	Embaixada ao concílio de Constança
Voyage de Jean Van Eyck	1420	Relato de viagem	Negociação de casamento
Diário da jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia	1430	Relato de viagem	Embaixada ao concílio de Basileia
Le livre des faits du bon Chevalier messire Jacques de Lalaing	1440	Relato de viagem	Feitos cavaleirescos
Diário de viagem do embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein	1450	Relato de viagem	Negociação de casamento
Cartas de Itália	1450	Epístola	Casamento de D. Leonor
Viaje de Jorge de Ehingen	1450	Relato de viagem	Feitos cavaleirescos
Viaje del noble boemio Leon de Rosmital de Blatna	1460	Relato de viagem	Peregrinação; Conhecimento
Journals of Roger Machado	1480	Relato de viagem	Negociação de casamento Embaixada

Fonte: LIMA, 2018.

De acordo com Lima (2018), apesar da centralidade exercida pelas narrativas de viagem, existem outras tipologias textuais que, pontualmente, permitem o conhecimento das viagens diplomáticas. Considerando o caso português, o autor cita o *Livro dos Arautos*, armorial relacionado à literatura heráldica, escrito por um arauto português no contexto do Concílio de Constança e que visava educar os oficiais de armas da corte joanina; as *Cartas de Itália*, conjunto de epístolas redigidas pelos embaixadores Lopo de Almeida e Luís Gonçalves Malafaia e que dão conta das atividades da comitiva que acompanhava a imperatriz D. Leonor. Além disso, Lima argumenta que alguns deslocamentos diplomáticos não deixaram narrativas, viagens que podem ser mapeadas através de capítulos de crônicas, epístolas, salvo-condutos, cartas de crença e outros documentos, sendo exemplo a viagem do conde de Barcelos, D. Afonso, e do infante D. Pedro, duque de Coimbra.

Inserida no conjunto dos relatos de embaixadas do século XV português e expressando uma das principais formas do registro diplomático do período, o diário de viagem, encontra-se a

obra *Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia*, viagem protagonizada por D. Afonso, 4º conde de Ourém, sobre quem teceremos alguns apontamentos.

### **D. Afonso, Conde de Ourém**

D. Afonso (c.1402-1460), 4º Conde de Ourém e Marquês de Valença, primeiro filho de D. Afonso, Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança (c.1370-1460), com D. Brites Pereira (c.1378-1408/1409 ou 1414). Por filiação paterna, foi neto do rei D. João I (c.1357-1433), e, por filiação materna, neto de D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431), ou seja, relacionava-se diretamente a dois dos mais importantes ramos familiares do reino de Portugal no início de quatrocentos. Por essas características, D. Afonso foi uma figura de destaque na sociedade portuguesa na primeira metade do século XV.

Segundo, Alexandra Leal Barradas (2006), D. Afonso foi um homem bem instruído, possuía formação no campo da literatura, militar e cortesã, conhecendo o latim e dominando a arte das armas e da montaria. Aprendeu regras de etiqueta e de protocolo, sabia dançar, prosar e escrever, nesse sentido, possuiu basicamente uma educação característica de príncipes, como a de seus tios, os ínclitos infantes de Avis filhos de D. João I, que eram praticamente da sua idade.

Desde jovem possuía bens em seu nome, um patrimônio considerável. Em 1422, por volta dos 19 a 20 anos de idade, devido a distribuição entre os netos dos bens restantes do avô materno, Nuno Álvares, antes dele se retirar para o convento de São Carmo, acabou herdando o condado de Ourém, os paços em Lisboa, dentre outros direitos e posses como a vila de Porto de Mós (BARRADAS, 2006). Como neto do rei, era um homem que possuía certa aproximação com a corte, um sujeito pertencente à geração dos infantes de Avis. Nesse contexto, certamente suas qualidades pessoais e sua posição social levaram D. João I a iniciá-lo nos assuntos diplomáticos.

No decorrer de toda sua vida, D. Afonso realizou cinco grandes viagens de tendências distintas, onde quatro dessas foram deslocamentos com caráter diplomático, sendo a última de cunho militar. Desse modo, nos anos de 1429 e 1430, viajou para a Inglaterra, Flandres e Alemanha, sendo parte da comitiva que acompanhou a infanta D. Isabel ao ducado da Borgonha para o casamento com Felipe-o-Bom. Em 1431, esteve presente no reino de Aragão, provavelmente para tratar da negociação do acordo de paz entre Navarra, Aragão e Portugal, tratado assinado em 11 de agosto de 1432. Nos anos de 1451 e 1452, viajou pelo território italiano, sendo encarregado de

acompanhar a comitiva que levou a infanta D. Leonor, irmã do rei D. Afonso V, para se casar com o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Frederico III, e possivelmente continuou até a Alemanha. Em 1458, foi o responsável pela organização de uma das armadas da expedição com destino a Marrocos, a tomada de Alcácer Ceguér, ao lado de D. Afonso V (RIBEIRO, 2004).

A última viagem realizada pelo Conde é o objeto principal do presente trabalho. Foi a terceira em termos cronológicos, realizada entre os anos de 1436 e 1438, com D. Afonso sendo o responsável pela embaixada portuguesa ao Concílio de Basiléia. Em relação ao percurso realizado, a viagem atravessou diferentes localidades da Península Ibérica e, de Barcelona, partiu para o território italiano. Após as tratativas no Concílio e junto ao papa, o conde ainda rumou em direção à Terra Santa. Durante esse período locomoveu-se tanto por terra como pelo mar. Essa foi a viagem mais longa que ele realizou, durou cerca de três anos, tanto no que se refere à questão da distância percorrida como pelo tempo que levou (BARRADAS, 2006).

De acordo com Ribeiro (2004), através da missão ao Concílio, D. Duarte procurava do papa: a permissão dos reis portugueses serem ungidos; a bula de cruzada para a guerra em África; a dispensa para cavaleiros das Ordens de Avis e Cristo; além de buscar junto ao imperador o entendimento entre França e Inglaterra, em conflito no período.

### **O Diário da Jornada do Conde de Ourém**

No relato de viagem *Diário da Jornada que fez o Conde de Ourém ao Concílio de Basiléia. Como o Conde d'Ourémfoy ao Concilio de Basiléa e o que passou no caminho, e assi ao Papa*, há uma descrição de detalhes da viagem que a comitiva portuguesa fez a Basiléia, principalmente a partir das primeiras semanas de viagem. Aspectos materiais do deslocamento e fatores relacionados à arquitetura das cidades, aos costumes locais, aos lugares de paragem etc., são abundantes. O Diário estrutura-se com informações sobre as distâncias enfrentadas, indicando, na maior parte do texto, as datas e os dias da semana, os dias de saída e entrada nas localidades, assim como as distâncias medidas em léguas. Além disso, em alguns momentos do documento as datas e os meses são situados tendo como referência o calendário litúrgico cristão. Como é o caso, por exemplo, do trecho referente a estadia da comitiva em Pisa, onde é citada missa em comemoração ao dia de São João. Por conta desse detalhe da descrição, é possível saber o dia em

que o conde esteve na cidade, contribuindo para uma melhor compreensão do tempo e duração da viagem, apesar da imprecisão e lacunas presentes no texto.

De modo geral, as cidades maiores acarretam um maior detalhamento da descrição no documento, pois, se tratava dos lugares onde as visitas ocorriam de forma mais lenta, demorando semanas e até meses. Esse fator é uma característica comum aos relatos de viagens, onde as cidades assumem um papel de importância, transformando-se em núcleos narrativos (LOPES, 2006), sendo em torno delas que o relato vai se organizar. Além disso, a narrativa é escrita sob a perspectiva de um membro desconhecido da comitiva portuguesa e não pelo Conde de Ourém. Assim, as impressões do relato de viagem ocorrem, ou a partir do registro do membro da comitiva, ou pelas perdas no registro posterior da narrativa, não necessariamente por omissões de D. Afonso.

Os contatos estabelecidos durante a viagem revelam o grau de importância do viajante, sendo ligações de alto nível sociopolítico. Assim sendo, durante a viagem o conde esteve com o rei de Castela, D. Juan II, em Alcalá de Henares; encontrou-se com a rainha de Castela, D. Maria de Aragão, em Barcelona; foi recebido em Bolonha, pelo Papa Eugênio IV; assim como visitou a corte do Duque de Milão e de Saboia. No Concílio de Basileia, esteve com importantes figuras, representantes das mais diversas delegações que estavam presentes no encontro ecumênico, como os embaixadores de diferentes reinos da Cristandade.

Ao que se refere aos dados da viagem, a comitiva contava com um número amplo de indivíduos. Cerca de 124 a 125 pessoas integravam a embaixada portuguesa, logo, nota-se que se tratava de uma comitiva extensa, sendo esse um fator que podia variar de acordo com o tipo de missão, como vimos anteriormente. Desse modo, a comitiva partiu de Lisboa no dia 11 de janeiro de 1436, sendo os primeiros pontos de paragem curtos e com poucos detalhes:

Aos onze dias do Mez de Janeyro partio o Conde de Ourem de Lisboa, para fora da terra, e foi dormir a Castanheyra, que são sette legoas e esteve hi hu~ dia, que foi Domingo, e ao outro dia foi dormir a Alcoentre, que são quatro legoas, e ao outro dia foi dormir a Coruquel, que são cinco legoas, e ao outro dia foi dormir a Leiria, que são cinco legoas, e ao outro dia que foi dia de Sta Maria de Fevreyro, e foi o primeyro dia do dito mez, foi dormir a outro dia a Pombal, que são cinco legoas, e ao outro dia foi dormir a Penella que são quatro legoas, e esteve ahi o outro dia com o Infante Dom Pedro, que foi o Domingo, e ao outro dia foi dormira Louzaõ, que são tres legoas (...). (DIÁRIO, 1980, p.299)

A viagem passou por aproximadamente 140 localidades, transpassando a Península Ibérica com pausas de dois, três e até uma semana em cidades como, Ávilla, Alcalá de Henares,

Valência, Toledo, Barcelona, Tortosa etc. O destaque é dado às principais cidades, devido ao número maior de informações em suas descrições.

Seguindo o itinerário da viagem, a comitiva chegou à grande e muito rica cidade de Toledo, descrita como “*muy grande e bem rica*”. No dia 11 de março esteve em Alcalá de Henares, cidade onde ficava situada uma casa do rei de Castela, onde se supõe que existiu um encontro, pois o conde passou pelo território alegando que não precisaria pagar dízimos ao rei, devido ao salvo conduto que levava consigo, entretanto, o narrador não deixa claro se houve o encontro de fato.

Em março a comitiva esteve na cidade de Valência, onde chegou sob grande recepção e com grandes honrarias, sendo recebidos por vários fidalgos, cavaleiros e “Gentishomens” a algumas léguas fora da cidade. Segundo consta no documento, adentraram a cidade acompanhando os recém chegados por volta de 300 ou 400 pessoas ao som de três trombetas. Por se tratar de uma comitiva de grande importância, tendo um conde como representante principal, os rituais seguiram repletos de formalidades, com festas e cerimônias.

O cortejo percorreu as principais ruas de Valência até a pousada reservada ao conde de Ourém localizada na praça da cidade. Em relação a esse item, o alojamento do viajante, lembra-se que geralmente figuras como o conde não pagavam por hospedarias, gozando do direito de aposentadoria, ao contrário do que ocorria com viajantes de outras categorias sociais. Em geral, o não pagamento da estadia fazia parte do ritual de recepção da cultura nobiliárquica e cortesã (LIMA, 2018). No entanto, de acordo com Iria Gonçalves (1980), a embaixada de Navarra cometida por D. Luís com a finalidade de se encontrar com Pedro I de Castela no verão de 1352, teve diversas despesas ao longo da viagem, inclusive com alojamentos. No caso de D. Afonso, por ser uma figura de importância acentuada e parente da família real portuguesa, justificasse o local escolhido para repouso, a praça da cidade, um dos pontos centrais de Valência. Apesar disso, somente após abandonar Basileia, nas páginas finais da fonte, menciona brevemente gastos realizados pela comitiva, onde o conde ordenou que uma das barcas, em que estavam os oficiais e o dono da embarcação, fossem a sua frente, uma vez que, era de seu conhecimento as cidades, vilas e castelos onde haviam de *pagar direitos*, em torno de seis, sete e oito, florins, pelo que levassem (DIÁRIO, 1980, p. 355).

Ainda em Valência, fazendo parte da cartilha da boa e educada recepção, no dia seguinte o conde foi levado pelo *Barle* e pelos jurados responsáveis naquela ocasião, a conhecer os paços do Rei que ficava localizado fora da cidade. Dando seguimento às visitas, o conde de

Ourém conheceu outras posses do rei no interior da cidade, chamado de *Terecena*, contendo duas capelas, uma para o rei ouvir suas missas e outra para as pregações e para a Rainha, para além de outras capelas designadas somente para os súditos. Nesse sentido, ressalta-se que fazia parte do papel de um bom viajante conhecer e dar a conhecer o lugar por onde passara, assim, nota-se a atenção do narrador aos elementos da arquitetura local, o que é percebido através das descrições de igrejas, mosteiros, capelas, túmulos de santos, animais etc., que foram visitadas pelo conde durante o período que durou a viagem:

Estes Paços são muito fermosos com boas Camaras bem repartidas e tem dentro muy boas ortas; a Saber huã Capella de EIRey m.to fermosa com sua orta e tem dentro larangeiras, e huãs pellas outras, que he huã couza m.to fermosa e entre as larangeiras esta intrometida a Murta, que he huã couza muito fermosa de ver, e em estes Paços andaõ leoeñs, tres Cervos, e tres Hemas grandes. (DIÁRIO, 1980,p.302)

Seguindo o curso da comitiva, o conde chegou à cidade Tortofã (Tortosa), na véspera da Páscoa. Uma cidade descrita como bem assentada em um vale e por onde corre o rio Ebro. Ao longo da passagem, a comitiva deparou-se com mulheres bem trajadas, cheias de joias e bem guarnecidas, com o Diário descrevendo características físicas, aspectos relacionados à aparência e ao modo de se vestir dessas mulheres.

e em este lugar passou e vimos dez ou doze Mulheres Joves mui bem guarnecidas a saber sinco, ou seis dellas, e traziaõ vestido senhas chevas de ouro mui fermosas, e mais sendas opas de escarlata vermelha empenhadas de Martas e de fundo suas cotas de velludo verde, e outras Joyas muitas, e as outras sinco ou seis mulheres andavaõ vestidas de outras vestiduras muito fermosas, e mui Ricas, e estas mulheres eraõ mais de gentis, que de fermosas. (DIÁRIO, 1980, p. 303)

A descrição permite diálogo com os apontamentos de Susani Silveira França acerca dos relatos de viajantes cristãos sobre os diferentes povos e, em particular, as mulheres:

Provenientes de uma sociedade em que a simbologia dos trajes passava pela cor, pelo tecido e pelos adereços externos, bem como distinguia não apenas as categorias sociais e suas diversas escalas, mas as próprias funções desempenhadas na sociedade, os viajantes cristãos não puderam deixar de conferir uma atenção especial aos detalhes externos usados pelos povos visitados. (FRANÇA, 2013, p 265).

Nesse sentido, pode-se afirmar que essa é outra característica presente no relato, a atenção voltada para as vestimentas, em especial, as roupas que as pessoas portavam e as que o

conde usava em determinadas ocasiões, como nos encontros citados com os reis, nas festas, banquetes, etc.

No mês de abril, D. Afonso, juntamente com toda a comitiva portuguesa, adentra Barcelona. O governador, o *Bailhe*, cavaleiros e *genstinshomens*, receberam a comitiva fora da cidade. Os viajantes adentraram Barcelona acompanhados por cerca de 150 pessoas a cavalo e foram levados com grande horaria até a pousada. No Diário, observa-se que questões como essa, envolvendo as recepções, são bastante mencionadas e quase sempre seguem o mesmo roteiro cerimonial, algumas com mais detalhes que outras. Eventos envolvendo cortejos honrados, com encontros promovidos entre o conde de Ourém e figuras importantes, exigiam todo um preparativo, pois as cerimônias eram cheias de regras que deveriam ser seguidas, até como um sinal de respeito e educação, o que provavelmente não era problema ao conde, devido a sua boa formação.

Barcelona é descrita no Diário como muito rica, cheia de tecidos, frutas e carnes, elementos que são destacados na narrativa, assim como, novamente, a questão da mulher:

Esta Cidade he muy rica infindamente e mui abastada de todas as couzas; a saber de panos tambem de cor, como de linho, e outras muitas mercadorias, e de muitopam, trigo, e sevada e de muitos vinhos, fruitas, as Carnes nom saõ tantas como as hà em outras Cidades, e assim saõ mui caras. Outrosy os pescados assim saõ poucos à Refeição de como he a Cidade, e por ter porto de Mar como o tem outrasCidades, mas vem lhe muitos pescados, e bons de Portugal, e outras Mercadorias muitas, que lhe vem de outros Reynos, he mui bom caminho o que tem de Redor. Outrosy esta Cidade tem mto nobres Paços, e muy nobres Cazarias, e a gente desta Cidade saõ muy bem vestidos, estremadamente as mulheres, que andaõ mui bemguarnidas de bon~s panos empenados e dellas som mui mulheres de prol; e nesta Cidade estava huã mulher que era de linhagem, e era Muito Mulher de prol, e muito fermosa, que eraõ della muitos gentis homen~s namorados, e mais que era mui bem Rica, e pouzava na Praça de S.ta Anna, que era junto donde pouzava o Conde, e havia nome a Castelhana. (DIÁRIO, 1980, p. 306-307)

Os viajantes portugueses hospedaram-se em Barcelona por 6 semanas e ainda estavam na cidade durante a chegada da rainha de Castela, no dia 12 de maio de 1436. Nesse dia, observa-se que o próprio conde passa a integrar o cortejo para a entrada régia, acompanhado de outras autoridades portuguesas e da cidade. A partir dessa localidade, seguiram viagem de barco com destino a Livorno. No dia 18 de junho, após mais de quatro meses da saída de Lisboa, desembarcaram no porto toscano, primeira localidade visitada em território italiano. A partir de então, a viagem ocorreu de forma ainda mais lenta.

A comitiva seguiu viagem, passando por Pisa, onde esteve por cinco dias, e Florença, onde permaneceu por quatorze dias, e adentrou a cidade de forma honrada, com o conde hospedando-se nos paços do Marquês de Ferrara, onde recebeu presentes, de cevada, galinhas e patos. A descrição da cidade é bastante rica, desde o paço na qual ficou hospedado a detalhes na construção da Sé da cidade:

Outrosy a See desta Cidade he muy fermosa, e muy larga e cumprida, e tem huã Capella sobre sy que he muy alta sobre a d.a See e della apparece toda a Cidade, e seu termo, e o termo he muy povoado de muitos Castellos. Esta Capella he toda à de fora de pedra Marmore, e jaspe, e a See he assim feita e mais tem huãs escadas, que vay a todo sima, que tem 466 degrão, e a par desta See està huã Torre mto alta, e bem fermosa, e nella està os sinos da See e a par della huã Capella de Saõ Ioaõ, e he de abobada, e à porta principal està os dous esteyos taõ grosos como senhos Mastos de Naõs, e qdo homem està a par delles ve todas as couzas, que està derredor, e a gente que passa de huã parte para outra, assim como espelhos, e as portas principaes saõ de arame, e naquella Capella està huã muito fermosa pia, e he toda de pedra jaspe e marmore, e em ella baptizaõ os filhos dos mais honrados da Cidade, e outros nenhun`s naõ. (DIÁRIO, 1980, p.316-317)

Seguindo o itinerário, em Bolonha o conde permaneceu por mais tempo em relação às cidades do território italiano citadas anteriormente, com estadia de dez semanas, para negociações junto ao Papa, partindo somente no dia 10 de outubro em direção a Basileia. O conde de Ourém caminhou em direção a cidade acompanhado dos bispos e doutores, ao todo 124 a 125 a cavalos. Desse modo, a comitiva foi recebida de forma honrosa pelos Bispos, Arcebispos e muitos outros que faziam parte da corte do Papa.

Vale ressaltar que na fonte as recepções seguem um padrão, pois na maioria dos casos a comitiva era recebida fora das cidades, para assim, em forma de cortejo, adentrar os centros urbanos. Ao longo do documento, nota-se que durante a estadia em diversas localidades, era comum um bom anfitrião presentear o conde com alimentos, vinhos e tecidos. Tais elementos permitem pensar a viagem diplomática em meio às celebrações monárquicas, como demonstra Lima:

Parte integrante do sistema de “comunicação política” representado pelas celebrações monárquicas, as recepções de embaixadas, os casamentos régios e as celebrações da paz são exemplos ímpares da relação entre poder e cerimonial na Baixa Idade Média. (...) as cerimônias da diplomacia não devem ser dissociadas de um conjunto mais amplo de celebrações monárquicas que apresentam, por vezes, características muito similares. Este é o caso, por exemplo, das entradas régias e das viagens nobres (LIMA, 2016, p. 211-212).

Somente quatro dias após a chegada, D. Afonso teve encontro com o Papa Eugênio IV. Seguindo os protocolos do cerimonial, fez suas mensuras ao papa, beijando-lhe a face e a mão. Respeitando as hierarquias da nobreza, a saudação começou pelo conde de Ourém e foi seguida pelos bispos e, por fim, os doutores. Ao término, ajoelharam-se diante do Papa e, a mando do conde, foram lançadas as seguintes palavras em latim, por Vasco Fernandes, ao Papa:

O voffo muy omildofo, e begnino filho Rey de Portugal e do Algarve, e Senhor de Cepta envia beijar voffa face, maons, em pees, e encomendar a voffa Santiffima Santidade por quanto foi mandado o voffo muy omildofo filho mandaffe a fua embaixada ao confello geral, e quis vir primeiramente a Voffa Santidade fazer fua umildaçam por quanto foi San Pedro pofto em peffoa de Deos, e o Papa em peffoa de Sam Pedro, e de Sam Paulo, e elle era cabeça, e mandava ate a fua Santiffima Santidade, e que ante, que ao confello geral, qu e a fua Santiffima Santidade mandaffe fazer ao feu begnino filho Rey fobredito, e que lhe enviava emcomendar feos Irmaons Ecclefiasticos, e Cavalleiros, e povo meudo em fua Santidade (DIÁRIO, 1980, p. 318)

Após isso, seguindo o protocolo, o Papa direcionou sua resposta à embaixada portuguesa, dando-lhes boas-vindas e permitindo que fizessem suas mensuras. As atividades do embaixador não terminaram após o encontro, pois o conde ainda se encontrou com os cardeais e novamente com o Papa. A demora da comitiva em partir para o seu destino principal justifica-se por momentos como esses, sem dar muitos detalhes sobre o conteúdo das conversas estabelecidas nos encontros. De fato, o encontro com as autoridades eclesiásticas era um dos principais objetivos da missão, sobretudo, pelos debates no Concílio e pela busca de apoio papal às pretensões expansionistas portuguesas nas Canárias e na África (VALE, 2004; RIBEIRO, 2004). É possível que as instruções de D. Duarte ao conde de Ourém tenham sido apenas orais e sigilosas, o que explicaria a falta de detalhes sobre a negociação no Diário.

Dando continuidade à viagem, a comitiva passou por Parma e Modena, onde permaneceu por nove dias. No dia 28 de outubro dormiu em Milão, onde permaneceu por quinze dias. Durante esse período visitou o Castelo do Duque de Milão, onde mais uma vez foi recebido de forma honrosa e com troca de presentes. Em seguida, a comitiva diplomática entrou no território do Duque de Saboia, atravessou os Alpes e esteve com ele em Loufa (Lousanne?), sendo novamente recebidos ao som de trombetas, seguindo o ritual de recepção habitual. Nos Paços do Duque, ainda estiveram com os membros da família ducal, o príncipe de Piemonte (casado com a

filha do rei do Chipre) e o Conde de Genebra. Finalmente, no dia 2 de dezembro de 1436, a embaixada chegou ao seu destino principal, Basiléia, onde ficou por cinco meses e onze dias.

O concílio de Basiléia<sup>3</sup> não contou com a presença do Papa, tendo como principal motivo, o fato do pontífice ter uma idade avançada e o temor dos seus inimigos. Desse modo, no dia 01 de abril de 1437, o arcebispo e embaixador do Papa adentrou a cidade de forma honrada e foi recebido ao longo do caminho pelos embaixadores, como o Bispo do Porto e conde de Ourém. O que se pode notar é que o encontro marcado em Basiléia, contou com momentos de desentendimentos, um desses foi o desconforto entre a embaixada da Inglaterra para com a de Castela, o motivo estava relacionado a compra de um lugar ao concílio, especificamente, a cadeira do representante do rei da Inglaterra pela embaixada de Castela (DIÁRIO, 1980, p. 339). Nesse contexto, o autor do relato ressalta que o rei de Castela e o rei da França eram inimigos do rei da Inglaterra, que por sua vez tinha aliança com o rei de Portugal. Portanto, no episódio em questão se posicionaram a favor de seus respectivos aliados. Dessa forma, em meio a disputas várias, o concílio foi desfeito restando-lhes apenas decidir o novo local onde seria realizado o próximo encontro.

O conde permaneceu bastante tempo em Basiléia, somando no total 5 meses e 11 dias, só então deixou o Concílio, em 13 de maio de 1437, em direção à Colônia. A partir da cidade de Bona parte da comitiva, por ordem do conde, retornou a Bolonha que ficava a 4 léguas, para se despedirem do Papa, sendo presumível que após esse regresso, tenham voltado a Portugal. Através dessas páginas, nota-se que é uma parte da narrativa que toma bastante espaço na fonte, justificada por se tratar do objetivo da viagem e pelo tempo de estadia, devido a série de eventos que se sucederam, ou seja, pela demora nas negociações, principalmente, da escolha de um novo local para o Concílio.

---

<sup>3</sup> Segundo consta no *Dicionário da Idade Média* (1990), organizado por Henry R. Loyn, o Concílio de Basiléia ocorreu entre 1431 e 1437, sendo um concílio geral da igreja convocado para tratar a respeito de uma reforma eclesiástica, assim como a crescente ameaça dos hussitas e chegar a um acordo com a igreja grega. No entanto, o número de participantes foi pequeno sendo considerado um desastre do ponto de vista conciliar, embora tenha conseguido trazer muitos hussitas novamente para o seio da igreja. Sendo assim, o Papa Eugênio IV numa tentativa de obter controle de forma mais efetiva sobre as atividades do concílio, transferiu as discussões para outra sede. Desse modo, nomeando Ferrara e em seguida Florença, com o intuito de ultimar o acordo com os gregos. Entretanto, alguns dos bispos presentes em Basiléia se recusaram a sancionar a mudança para Ferrara, desse modo, em 1439 elegeram o Duque de Sabóia como o antipapa Félix V e, portanto, declararam Eugênio herege. Nesse sentido, a desorientação causada pela existência de dois concílios acontecendo simultaneamente, favoreceu não só o fortalecimento do controle dos príncipes seculares da Europa sobre as Igrejas nacionais, como também confirmou a autoridade constitucional do Papado. (1990, p.42).

A narrativa é finalizada na cidade de Colônia aos 30 dias do mês maio de 1437, destacando as construções religiosas, além de relíquias, como o berço de São Nicolau, o local onde está sepultado os três Reis Magos, os Mosteiros de São Francisco, sem conhecimento ao certo da data de retorno a Portugal. Tendo saído de Lisboa no dia 11 de janeiro de 1436 e retornado por volta de 3 anos depois, pelas semanas de novembro de 1438, deduz-se que, a volta apressada talvez tenha ocorrido por conta da morte de D. Duarte, em 9 de setembro do mesmo ano. No entanto, não se sabe ao certo qual rota a comitiva tomou ao retornar.

### **Considerações finais**

Pode-se afirmar que o Ocidente medieval viveu uma intensa circulação de pessoas e ideias. Diversos grupos sociais, como nobres, comerciantes, representantes da igreja etc., transitavam pelos espaços e a prova disso são os diversificados registros deixados dessas expedições e investigações sobre o outro. Peregrinações a lugares santos, viagens relacionadas ao comércio, visitas pastorais, dentre outros motivos, foram abundantes. Nesse universo, encontravam-se as viagens de cunho diplomático, que também incentivavam o homem a viajar de um lugar para outro, de uma corte para outra. Um acordo de paz, festas de casamentos, negociações matrimônias, coroações, selar alianças entre reinos, assim como Concílios ecumênicos, dentre outros que faziam parte do ofício de embaixador em desenvolvimento. Sendo assim, o Diário que narra a trajetória de viagem do 4º Conde de Ourém, D. Afonso, é mais um entre tantos relatos de viajantes medievais. O texto nos apresenta um pouco do mundo medieval, narrando as entradas festivas e grandiosas nas cidades ao longo do itinerário, os encontros honrosos e cortesês, além de outros elementos relacionados a cada local visitado ao longo da jornada.

Durante a realização do trabalho, assumimos o desafio de buscar compreender a dinâmica da viagem medieval através da análise do *Diário da Jornada do Conde de Ourém*, e assim identificar alguns aspectos da viagem no período, como os elementos materiais da viagem e as práticas diplomáticas. Nesse contexto, concentrou-se no primeiro objetivo, mapeando de início o ritmo da viagem até a cidade de Barcelona, os meios de transporte que foram utilizados, as recepções oferecidas à comitiva diplomática, assim como, o olhar do viajante sobre o outro. Prosseguindo o estudo, mapeamos e analisamos a segunda etapa, de Barcelona a Milão, a terceira e última de Milão a Basiléia, sendo esse o destino principal da comitiva e mais além, até Colônia.

A viagem percorreu por volta de 140 localidades e foi composta por aproximadamente 124 a 125 pessoas. A embaixada atravessou três reinos da Península Ibérica, passou por diferentes cidades da Península Itálica, como Pisa, Florença, Milão, Bolonha, visitou o concílio reunido em Basiléia e as terras do Império, especialmente a cidade de Colônia. A embaixada durou três anos, sendo uma das principais viagens realizadas por D. Afonso.

Durante a análise notou-se que o ritmo da viagem ocorreu de forma lenta, usando dois meios de locomoção, montaria/cavalo e embarcação, sendo a primeira a mais usada. Foram realizadas diversas paradas em cidades, mosteiros, castelos, vilas estadias sempre acompanhadas de comentários a respeito desses locais, ainda que breves em alguns casos. Nas cidades visitadas, o período de pausa variava de acordo com o tamanho da urbe e sua importância, notando-se uma aceleração da narrativa quando não havia uma cidade no caminho.

As recepções oferecidas à comitiva portuguesa costumavam começar fora da cidade, variando de local para local. A comitiva era recebida por pessoas importantes dessas localidades, como bispos, senhores, membros das elites urbanas e mesmo por reis. As cerimônias, compostas por festas, banquetes e visitas a locais de destaque nas cidades, como o mercado, a praça, castelos e catedrais. O conde de Ourém, como um viajante nobre e diplomático, pôde usufruir de alojamentos reservados pelas localidades e de documentos, os salvo-condutos, que garantiam a segurança e as imunidades da embaixada.

O Diário expressa a relevância das cerimônias para a prática diplomática em finais da Idade Média, indicando a importância de as embaixadas serem compostas por viajantes experientes e conhecedores tanto dos protocolos diplomáticos como das nuances da cultura cortesã. Além disso, a narrativa demonstra que a negociação diplomática em si, com as instruções ao embaixador e os pormenores para a audiência, não eram objeto de registro, permanecendo, por vezes, na referência oral do viajante. Outro aspecto a ser destacado é que através do relato observa-se o ponto central da viagem foi o encontro com o papa, que teve uma importância diplomática maior do que a atividade da comitiva no Concílio de Basiléia.

A viagem de D. Afonso, apesar do cunho diplomático, nos revelou não só as relações e conversações entre diferentes reinos, cortes e sujeitos, como também aspectos culturais, sociais e políticos da sociedade quatrocentista. Ainda que a viagem tenha ocorrido na Europa, em território cristão, ao longo da narrativa abundam descrições sobre outros modos de vida, formas de se vestir, sobre o comportamento e a apresentação das mulheres. A arquitetura e a cultura local também

chamaram a atenção do viajante, com as igrejas, castelos e mosteiros. Assim, o relato de embaixada não escapa a comparações entre o olhar do narrador e a cultura do que é narrado.

Durante o período de pesquisa, uma das principais dificuldades encontradas foi a língua em que a fonte se encontra, por se tratar de um documento escrito no português arcaico. Com o decorrer da pesquisa e o auxílio da bibliografia, aos poucos foi havendo certa adaptação, o que facilitou a leitura e o entendimento de seu conteúdo. Outra limitação, foram os poucos estudos sobre viagens diplomáticas medievais e sobre relatos de embaixadas. Espera-se que a presente pesquisa agregue contribuições para o tema.

## **Referências bibliográficas**

### **Fontes**

Diário da Jornada do Conde de Ourém ao Concílio de Basileia. In: SCARLATTI, Lita. *Os homens de Alfarrobeira*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1980, pp. 299-357.

### **Bibliografia**

ALBUQUERQUE-GARCÍA, Luis. El ‘relato de viajes’: hitos y formas en la evolución del género.

*Revista de Literatura*, 2011, enero-junio, vol. LXXIII, n.145, p.15-34

BARRADAS, Alexandra Leal. D. Afonso, 4º Conde de Ourém: Viagens, Cultura Visual e Formação de um Gosto. *Medievalista on-line*, n.2, 2006.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Imaginário: regularidades de um conceito. *Brathair*, v. 16, 2016, p. 171-185.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Os Trajes e o Reconhecimento de si e do outro pelos Viajantes Medievais. *Edad Media. Rev. Hist.*, n. 14, 2013, pp. 261-276.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. *Los viajeros medievales*. Madrid: Santillana, 1996.

GONÇALVES, Iria. Viajar na Idade Média: através da Península em meados do século XV. *Arquipélago*, série Ciências Humanas, n.2, jan. 1980, p.119-142.

LABARGE, Margareth W. *Viajeros Medievales*. Los ricos y los insatisfechos. Madrid: Nerea, 1992.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Tese de doutorado em História, 2016.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. Viagens Diplomáticas: o Rei Português à Corte de Luís XI. In: FRÓES, Vânia Leite et al. (org.). *Viagens e espaços imaginários na Idade Média*. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2018, p. 28-43.

LOPES, Paulo. Os livros de viagens medievais. *Medievalista on-line*, n. 2, 2006.

LOPES, Paulo. Viagens medievais. In: *Ler. Livros & Leitores*, 64, Lisboa, 2004, p.49-55.

LOYN, H. R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

RIBEIRO, Gonçalo Morais. Viagens do Conde de Ourém (1429-1458). In: ANDRÉ, Carlos Ascenso (coord.). *Actas do Congresso Histórico “D. Afonso, 4º Conde de Ourém e sua Época”*. Câmara Municipal de Ourém, 2004.

SCHAFFER, Martha E. An update and new perspective on the *Diario da Jornada do Conde de Ourém*. *eHumanista*, 31, 2015, p.171-232.

VALE, António Manuel Martins do. O conde de Ourém e a política de D. Duarte junto da Santa Sé. In: ANDRÉ, Carlos Ascenso (coord.). *Actas do Congresso Histórico “D. Afonso, 4º Conde de Ourém e sua Época”*. Câmara Municipal de Ourém, 2004, p. 173-188.

VIDOTTE, Adriana. Caminhos Físicos, Imaginários e Simbólicos: O Culto a São Tiago e a Peregrinação à Compostela na Idade Média. *Projeto História*, n. 42, jun. 2011, p. 143-162.

**APÊNDICE – GRADES DE COLETA DAS ETAPAS DA VIAGEM DO CONDE DE OURÉM**

**Etapa 1. De Lisboa até Barcelona.**

Cidades/localidades	Transporte	Léguas	Chegada	Partida	Hospedagem	Cerimónias de recepção
Lisboa	Montaria	-	-	Jan. 11 de 1436	-	-
Castanheira	Montaria	7 léguas	Domingo	NI	NI	Sem relatos
Alcoentre	Montaria	4 léguas	Segunda?	NI	NI	Sem relatos
Corruquel	Montaria	5 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Leyrea	Montaria	5 léguas	31 de Janeiro?	NI	NI	Sem relatos
Pombal	Montaria	5 léguas	02 de Fevereiro?	NI	NI	Sem relatos
Penela	Montaria	4 léguas	03 Fevereiro?	NI	NI	Sem relatos
Aloufãa	Montaria	3 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Granol	Montaria	4 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Gouvea	Montaria	5 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de guarda	Montaria	5 léguas	Sexta feira?	Segunda feira?	NI	Sem relatos
Sabugal	Montaria	5 léguas	Segunda feira?	NI	NI	Sem relatos
Fonteginaldo	Montaria	3 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade Rodrigo	Montaria	4 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Tamames	Montaria	7 léguas	Sábado?	NI	NI	Sem relatos
Fonte Robrê	Montaria	6 léguas	Segunda feia?	NI	NI	Sem relatos
Salvaterra	Montaria	2 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Bonilha	Montaria	5 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Villa touro	Montaria	2 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Avilla	Montaria	7 léguas	Sexta- feira?	Segunda feira?	NI	Sem relatos
Eil Varoco	Montaria	5 léguas	Segunda feira?	NI	NI	Sem relatos
Eil Cadahalfó	Montaria	7 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Escalona	Montaria	3 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Torrijos	Montaria	4 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Toledo	Montaria	5 léguas	Sexta-feira?	Segunda feira	NI	Sem relatos
Epes	Montaria	6 léguas	Segunda-feira?	Terça feira	NI	Sem relatos
Ocanha	Montaria	2 léguas	Terça feira?	Quarta feira?	NI	Sem relatos

Casa de Santa Cruz	Montaria	5 léguas	Sexta-feira	Sábado?	Casa de Santa Cruz?	Sem relatos
Alcala	Montaria	12 léguas	Seg.11/Março/14 36	Terça feira?	Casa do rei de Castela	Sem relatos
Vilarejo	Montaria	4 léguas	Terça feira	NI	NI	Sem relatos
Cafinho de Garcia Menhoz	Montaria	5 léguas	Quinta-feira	Segunda-feira	NI	Sem relatos
Larcom	Montaria	5 léguas	Segunda feira	NI	NI	Sem relatos
Cuefta	Montaria	5 léguas	NI			Sem relatos
Moinhos		4 léguas e meia	NI	NI	NI	Sem relatos
Outiell	A pé?	4 léguas e meia	NI	NI	NI	Sem relatos
Vila de Riquema	Montaria	2 léguas	NI	NI	Passaram pela Villa, sem pagar dizimo, pois tinham consigo um salvo conduzido do Rei de Castela.	Sem relatos
Setagoas (primeiro lugar de Aragão)	Montaria	4 léguas	NI	NI	NI	Sem relato
Boinho	Montaria	2 léguas	NI	NI	Castelo	Saudações e presentes
Chiba	Montaria?	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Valência	Montaria	5 léguas	Segunda feira,	Segunda feira	Pousada, localizada na praça da cidade. Permaneceu na cidade 8 dias.	Recepção com honrarias: composta por cavaleiros, fidalgos, "Gestishomens", ao som de trombetas. Com cortejo pelas melhores ruas da cidade.
Momvredo	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cabanas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Sam Mateu (São Matheus?)	NI		Março? Véspera de Endoenças (quinta-feira Santa)	NI	NI	Sem relatos
Vilacomia	Montaria	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Tortosa	Montaria	NI	Véspera de páscoa	Segunda feira	NI	Sem relatos
Fonte de Pilhão	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cambulle	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Taragona (Tarragona?)	Montaria	A meia légua do mar	NI	NI		Sem relatos

Maratuzell	Montaria	NI	Permaneceu 3 dias	NI	NI	NI	Sem relatos
Santa Maria de Montserrat	NI	3 léguas	NI	NI	Mosteiro de Montserrat	Sem relatos	
Sam boy (castelo)	NI	NI	NI	NI	Castelo de Sam Booy	Sem relatos	
Barcelona	Montaria	NI	NI	NI	Pousada, no centro da cidade. Permaneceu por 6 semanas	Numerosa Recepção com grandes honrarias, assim como a realizada, aos 12 dias do mês de maio a Rainha de Castela.	

### Etapa 2: De Barcelona até Milão

Cidades/localidades	Transporte	Léguas	Chegada	Partida	Hospedagem	Cerimônias de recepção
Barcelona	Montaria	NI	Aprox. meio de Abril-1436	NI	Pousada, permaneceu por 6 semanas	Numerosa recepção com grandes honrarias, assim como a realizada, aos 12 dias do mês de maio a Rainha de Castela
Roca	NI	4 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Efterniq	NI	5 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
Sam Fileu (porto)	NI	5 léguas	NI	NI	Pousada	Sem relatos
Vila	NI	NI	Permaneceu 7 dias	NI	NI	Sem relatos
Porto de palmos (Palma?)	Embarcação	Retornaram 16 léguas	Permaneceu até o domingo	04 de junho?	Ao retornarem, lançaram âncora no porto de palmos, que fica a 4 léguas de Sam Fileu	Sem relatos
Ilhas Deiras	Embarcação	NI	Quin. 05/Junho? dia de Corpo de Deus	NI	Passara e retornaram novamente a ilha	Sem relatos
Porto de Portugaay (Reino de Proença)	Embarcação	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Porto pertencente a cidade de Priull	Embarcação	Retornaram 1 légua e meia	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Priull	NI	Meia légua do porto	NI	Sex. 16/Junho?	NI	Sem relatos
Ilhas de Corceguas	Embarcação	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cabreira	Embarcação	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Porto Livorno	Embarcação	6 léguas	18 de Junho	NI	NI	Sem relatos

Vila	NI	NI	Segunda-feira	NI	NI	NI	Sem relatos
Pisa	NI	4 léguas	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Santa Gonda	NI	6 léguas	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Alafro	NI	5 léguas	Esteve por 7 dias	NI	Hospital	NI	Sem relatos.
Florença	NI	2 léguas	08 de Julho de 1436	22 de Julho de 1436	Paço do marques de Ferrara	NI	Adentrou a cidade honradamente, a cavalo, trajando boas vestes, na presença de estandarte, além de presentes de boas vindas.
São Pedro	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Belonrras	NI	3 léguas	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Bolonha	NI	3 léguas	NI	11 de Outubro de 1436			Recepção fora da cidade com honrarias até a pousada, pelos membros da corte do Papa Eugénio IV
Cidade de Moderna	N	8 léguas	Esteve 9 dias	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Rejo	NI	6 léguas	19 de Julho de 1436	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Parma	NI	6 léguas	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Castelo - Burgo de São Donis	NI	6 léguas	Domingo	Domingo	Castelo - Burgo de São Donis	NI	Sem relatos
Pontemu		6 léguas	Segunda feira	Segunda feira	NI	NI	Sem relatos
Cañal	NI	4 léguas	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Lode	NI	6 léguas	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Milão	NI	7 léguas	Qui.28/Outubro/1436	Permanece por 11 dias	NI	NI	Recepção com honrarias no Castelo do Duque de Milão

### Etapa 3: De Milão até Colónia

Cidades/localidades	Transporte	Léguas	Chegada	Partida	Hospedagem	Cerimónias de recepção
Milão	NI	7 léguas	Quinta-feira, 28 Outubro de 1436	Permanece por 11 dias	NI	Recepção com honrarias no Castelo do Duque de Milão
Majeta	NI	7 léguas	11/ Nov. 1436	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Maguça	NI	4 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos
São Jermô	NI	7 léguas	NI	NI	NI	Sem relatos

Cidade de Broca	NI	8 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Nugea	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Sam Germô	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Vercelli (Primeiro lugar do Duque de Saboia)	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Receberam o Conde meia légua da cidade, e assim passou pela cidade.
Cidade de Broca	NI	3 léguas	NI	NI	Bar	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Oflla	NI	12 légua e meia	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Burgo de Sam Martim	Montaria	4 léguas	Segunda feira	NI	-	NI	NI	Sem relatos
Alpes (mosteiro de Sam Bernardo)	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Burgo de Sam Rumi	Montaria	7 léguas	NI	NI	Burgo de Sam Rumi	NI	NI	Sem relatos
Martinel	NI	3 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Sandelocim	NI	3 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Nives	NI	7 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Vila desconhecida	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Loufa	NI	2 léguas	NI	Quinta-feira	Pousada.	NI	NI	Recepção fora da cidade, com honrarias, assim como no castelo do Duque de Saboia
Genebra	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Sam Romor	NI	6 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Vila Tribur	NI	3 léguas	23. Nov. 1436	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Berna	NI	3 léguas	Segunda-feira	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Igelorom	NI	3 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Valhiflar	NI	2 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Alhirftar	NI	2 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Basilcia	Montaria	2 léguas	02 de Dezembro de 1436	13 de Maio de 1437	Pousada	NI	NI	Grande recepção, com o início do cortejo fora da cidade, até sua pousada.
Vila Ruam	Embarcação	10 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Dasfraasbur	NI	4 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Apenas presentes
Cidade de Difpir	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Castelo de Humber	NI	9 légua	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Ispir	NI	7 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Humbina	NI	7 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Otagôça	NI	8 léguas	Sábado	NI	NI	NI	NI	Sem relatos

Brifaque	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Penaher	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Efraasbur (Estrasburgo?)	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Ispir Julmon	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Vila Santo Grinel	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Loqueme	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Carraa	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Vila de Carnil	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Castelos, vilas, cidades, aldeias. Total: 38.	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Castelo de Angles	Embarcação	7 léguas	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Poupar	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Rofa	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Cambulancia	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Bona	Embarcação	9 léguas e 4 léguas até Bolonha	NI	NI	NI	NI	NI	Sé da cidade	Sem relatos
Cidade de Leni	Embarcação	NI	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos
Cidade de Colônia	Embarcação	26 léguas entre Basílica e Colônia	NI	NI	NI	NI	NI	NI	Sem relatos